

O CONDE DE BUFFON E A TEORIA DA DEGENERESCÊNCIA DO NOVO MUNDO DO SÉCULO XVIII*

CAMPOS, Rafael Dias da Silva**

Introdução

Neste capítulo buscamos uma breve análise das teorias que tentaram, no século XVIII, explicar a História Natural do Novo Mundo. Desde o primeiro contato com as Américas, cronistas e viajantes referiam-se ao aspecto relativamente *débil*, ou inferior da natureza americana. Às observações esporádicas, que permaneceram, por algum tempo, episódicas, incidentais, com as informações transferidas para a Europa, estenderam-se sobre o novo continente como uma espécie de maldição. Em diversos momentos, um naturalista francês, conhecido como conde de Buffon, afirmaria, no século XVIII, que é somente quando comparamos que podemos julgar, buscando justamente as relações das coisas que se assemelham ou que se diferenciam. Nasce do método calcado neste empirismo observador, uma das teorias mais contundentes do século XVIII no que se refere à história do encontro do viajante do Velho Mundo com a natureza tropical do Novo Mundo. Trata-se da tese que afirma ser o continente americano, de alguma forma, inferior à Europa. E que este novo continente, quando comparado com o mundo antigo, demonstrava uma imaturidade, um impedimento do desenvolvimento que fazia com que a vida animal sofresse uma degeneração.

Georges-Louis Leclerc: O Naturalista Conde de Buffon

O naturalista Conde de Buffon (1707-1788), nasceu em Montbard, na França e teve sua fama de naturalista ampliada a partir da divulgação de sua *Histoire Naturelle* (1749), obra que influenciou cientistas como Lamarck (1744-1829) e Darwin (1809-1882), famosos por suas teorias evolucionistas. Georges-Louis Leclerc (1707-1788), nome de batismo e como era chamado inicialmente, foi preparado para ser advogado, como o pai. Fez seus estudos iniciais no Collège des Godrans, mantido pelos jesuítas, que preparava os filhos das melhores famílias borgonhesas para ingressar na Faculdade de Direito da França. Entretanto, o

* Esta apresentação foi originalmente discutida na forma de capítulo, como contribuição ao livro *História das Idéias*, financiado pelo Governo Federal em escopo ao programa de Educação à Distância.

** Licenciado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM - PR), é mestrando na respectiva área também pela Universidade Estadual de Maringá (UEM - PR). Este Trabalho conta com o auxílio da Fundação Araucária, órgão de fomento à pesquisa do Estado do Paraná. E-mail: rafael_diascampos@hotmail.com

brilhanço do jovem Leclerc não estava no estudo das leis, seus interesses sempre estiveram voltados para a prática esportiva e a matemática, desde muito jovem.

Georges-Louis Leclerc, ao se inscrever na Faculdade de Direito de Dijon em 1723, conheceria um de seus colegas de estudos, Jean Bouhier (1673-1746), membro da academia francesa e dono de uma vastíssima biblioteca (cerca de 35.000 volumes e 2.000 manuscritos que deixou ao falecer). Bouhier era um homem de interesses diversos, voltados, principalmente, para a matemática. Admirador de John Locke (1632-1704) e Leibniz (1646-1716) exerceria forte influência sobre o futuro Conde de Buffon, encorajando-o para os estudos das ciências e da filosofia. Em 1726 o jovem Georges-Louis, então com 19 anos, deixou a Faculdade de Direito com o diploma na mão, mas estava decidido a dedicar-se às ciências.

A decisão de Georges-Louis Leclerc certamente estremeceu as relações dele com o pai, o que não impediu de buscar o conhecimento que a Ciência Moderna proporcionaria. Correspondendo-se com o matemático Gabriel Cramer, professor na Academia de Genebra, leu Newton e descobriu os *Eléments de la géométrie de l'infinie* de Fontenelle; mudou-se para a cidade de Angers e, em seus arredores, herborizou por conta de seu interesse pela botânica e seguiu alguns cursos na Faculdade de Medicina.

Em 1731 Georges-Louis perdeu sua mãe, que fora acometida de uma grave doença. Em 1732 move um processo contra o pai, que se casara novamente, a fim de entrar na posse da fortuna que fora deixada por sua mãe. O pai já dera demonstração de ser um péssimo administrador, isto posto, Georges-Louis Leclerc mobilizou os amigos e obteve ganho de causa, com isso passou a assinar Leclerc de Buffon. A partir de julho de 1732, Buffon fixou residência em Paris. Dedicado às atividades científicas conquistou reconhecimento e poder. Em 1733, aos vinte e seis anos já havia alcançado todo o prestígio de sua vida: um sábio em Paris e proprietário na Borgonha (PAPAVERO; PUJOL-LUZ, 2000).

Residindo em Paris, Buffon tomou a decisão de ingressar na Academia. A Academia, nesta época, era subdividida em classes ou categorias com áreas distintas, a saber: geometria, astronomia, mecânica, anatomia, química e botânica. Com vagas limitadas à cada área, o candidato precisava, para adentrar para a Academia, ser eleito como adjunto em uma das especialidades. Uma vez dentro da Academia, o pretendente poderia ascender os escalões e chegar a condição de um *pensionnaire* e aposentar-se como um *vétéran*. Esclarecendo que o *pensionnaire* recebia um salário e os *vétéran* o direito à aposentadoria remunerada ou pensão. Outros adjuntos também poderiam obter título honorífico e privilégios na condição de acadêmicos como, por exemplo, liberdade e custeios de suas pesquisas, oportunidade de

terem seus trabalhos publicados e até suspensão das censuras para suas obras, assim como alguns postos oficiais remunerados.

Ao eleger-se para o cargo, o candidato, passava pela avaliação da Academia, composta por um conjunto de acadêmicos que recolhiam os nomes propostos, classificavam-no e apresentavam ao rei dois nomes, cabendo a este a escolha definitiva. Dos candidatos não se exigia um título em especial, era suficiente possuir um talento promissor. A atuação da Academia, neste período, era representada por um Conselho Nacional de Pesquisa, os intelectuais que nela ingressavam, assim o faziam para iniciar no trabalho em pesquisa (Op. Cit., p.03).

Buffon, ao candidatar-se à vaga, contou com o apoio de três profissionais da academia, apresentou aos seus avaliadores uma pesquisa intitulada *Mémoire sur le jeu de franc-carreau*, trabalho que, provavelmente, desenvolvera há algum tempo, dado o nível de amadurecimento que este apresentava. Coincidência ou não, o trabalho foi encaminhado ao exame de dois relatores conhecidos de Buffon, o resultado foi um relatório elogioso e a leitura da *memória*, o que, naquele período, se revelava uma rara distinção (Op. Cit.).

A partir de 1733, Buffon conquistou o reconhecimento não só nos meios acadêmicos como, também, de personagens importantes da corte francesa, ao disponibilizar seus conhecimentos em favor de colecionadores, principalmente os de animais e plantas. Um exemplo que ficou conhecido, foi a pesquisa que ele desenvolveu com árvores em uma reserva florestal de sua propriedade, em Montbard. Iniciada em 1733, tal pesquisa de campo teve continuidade durante toda a vida de Buffon. Este processo investigativo, muito provavelmente, foi o que deu origem ao seu interesse pela fisiologia vegetal. Neste mesmo ano o Conde de Maurepas (Ministro Tutelar da Academia de Ciências) solicitou da Academia francesa um estudo sobre métodos para aumentar a força e a longevidade da madeira, a fim de que a mesma fosse empregada na construção naval. A Academia respondeu que não tinha meios para fazer a experiência. Entretanto, Buffon disponibiliza seus recursos, seu tempo e seus conhecimentos para tal pesquisa; a floresta de sua propriedade em Montbard seria o material de seus experimentos. Com isso obtém sua grande oportunidade de reconhecimento como estudioso e de se tornar o protegido do Conde de Maurepas.

Membro adjunto da Academia em Paris, a partir de 1734, Buffon passava longa temporada em Montbard onde desenvolveu sua pesquisa com a madeira e estabeleceu uma *pépinière*, ou viveiro de plantas. Em 1735 vendeu seu viveiro de plantas à Província, ao mesmo tempo em que se faz nomear Diretor da mesma com um saldo anual de 1200 libras anuais.

Em 1739 a carreira de Leclerc de Buffon foi impulsionada por sua nomeação ao departamento de Botânica. Passaram-se oito dias de sua nomeação e o intendente do *Jardin du Roy*, em Paris, morria de varíola. Buffon, auxiliado por seus influentes amigos apresenta a candidatura ao cargo. A boa estrela do naturalista acena com novas conquistas, sua candidatura foi apresentada no dia 25 de julho e, no outro dia, foi nomeado intendente do *Jardin du Roy*, com uma pensão de 3000 libras por ano. Um cargo de muitas oportunidades.

Empreendedor de grandes reformas, paralelo aos trabalhos que executava no *Jardin du Roy*, Buffon freqüentava com assiduidade a corte de Versalhes, com tal aproximação obteve do Rei e de Madame Pompadour financiamento para investimentos no *Jardin*. Proteção que, nos momentos de reveses políticos da corte, lhe garantiram tratamento indulgente. Sem dúvida, uma personalidade de grande notoriedade intelectual e política na França, com isso obteve do rei Luís XV (1710-1774), o título de *Conde de Buffon* em 1773. Depois de sua morte, ocorrida em Paris em 16 de abril 1788, seu discípulo Bernard Germain Etienne de la Ville (1756-1825), *conde de Lacépède*, escreveu e publicou oito novos volumes da *História natural*¹ (1789), sobre serpentes e peixes (Op. Cit.).

Deus, Natureza, Luz e Racionalidade no século XVIII

Refletindo a autodenominação *Iluminismo* para o século XVIII, ponderamos que o século das Luzes, foi também o século de Buffon, Voltaire (1694-1778), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Denis Diderot (1713-1784), Condillac (1715-1780), Helvetius (1715-1771) e Condorcet (1743-1794), seguramente um período intelectualmente liberal. O período foi predominado pelo deísmo e, conquanto o homem iluminista admitisse a existência de Deus, nem sempre encontrava evidências de que Deus tivesse criado o mundo para o bem do homem. O Deus do Iluminista era o Deus da Suprema inteligência; responsável por uma ordem universal. Era aquele que respondia, também, pela criação do mundo, mas um Deus um pouco mais distanciado do Homem.

¹ História natural é um termo genérico para o que é hoje geralmente visto como um conjunto variado de disciplinas científicas distintas. A maior parte das definições incluem o estudo das coisas vivas (ex.: Biologia que inclui Botânica e Zoologia) que deram desdobramento a outras áreas do conhecimento. A uma pessoa interessada em história natural chama-se Naturalista. Nos séculos XVIII e XIX, o termo história natural era usado com frequência a fim de designar todos os estudos científicos, contrapondo-os à história política ou eclesiástica. Assim, a área que abrangia incluía todos os aspectos da física, da Astronomia e da Arqueologia entre outros. Algumas instituições utilizam, ainda, as expressões como: Museu de História Natural (Londres) ou Museu Americano de História Natural (em Nova Iorque) que também publica uma revista “Natural History”.

Entretanto, apesar de assistirmos, no século XVIII, ao desenvolvimento consistente de áreas como história natural e matemática, o deísmo ainda permitia que os homens envolvidos diretamente no movimento iluminista se ocupassem na escrita de obras que versavam sobre a Alquimia, por exemplo. Com relação a esta última, podemos citar Isaac Newton que, além de criador do cálculo infinitesimal, também dedicava parte de seu tempo a elaboração de vários manuscritos de Alquimia.

Na Europa do século XVIII, os famosos *homens de letras*, como eram também conhecidos os simpatizantes e divulgadores das idéias iluministas, foram os responsáveis pela fundamentação de uma metodologia de pesquisa que permitiu a ciência e, futuramente ao cientista, uma autolegitimação e, conseqüente, *modernização*. Entretanto, como afirmamos, esta intelectualidade setecentista também dedicava boa parte do seu tempo à interpretação de obras religiosas, o estudo da transmutação dos metais, elaboração de elixires da longa vida ou obtenção de pedras filosofais. Esta conjugação de interesses, ou seja, o de estabelecer métodos modernos de investigação em ciências e, ao mesmo tempo, se dedicar ao estudo da Bíblia ou aos segredos ocultos na Alquimia, pode parecer anacrônica aos olhos do homem contemporâneo. Entretanto, tal conjugação de valores e conceitos era, consideravelmente, aceita pelo *homem moderno*. Mesmo figuras como Francis Bacon, considerado, por muitos historiadores, como um dos fundadores da ciência moderna, chegou a publicar livros sobre Alquimia, como o famoso *The making of gold* de 1627.

Do *descobrimento* do Novo mundo à construção dos pensamentos que compuseram o iluminismo, foi um tempo em que qualquer dogma aceito, fosse do campo teológico, filosófico ou da Ciência Moderna passava por um crivo de discussão e crítica. Neste sentido, devemos refletir que muitos dos ensinamentos dos filósofos foram considerados tão políticos quanto pretendiam ser filosóficos, não fora isso e não teriam sido, alguns deles, tão duramente perseguidos pelo rei francês. Lembrando ainda que o Iluminismo não foi um movimento homogêneo, antes representou concepções tão diversas quanto era o número de filósofos e nações européias. Podemos hoje afirmar que não existiu um Iluminismo, e sim Iluminismos.

O século XVIII foi um período de grande difusão da *História Natural* por conta, também, de uma fomentação de viagens de reconhecimento dos novos territórios colonizados ou por colonizar. Algumas viagens ficaram conhecidas como, por exemplo, a viagem do capitão Cook, de Bougainville (1729-1811), de Comerson e a *Viagem Philosophica* de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), esta última, por conta de seu reconhecimento

tardio, não pode ter, ainda no século XVIII, o reconhecimento dos resultados deste grande empreendimento naturalista.

Desta forma, ao mesmo tempo em que um novo interesse pela natureza é despertado na maioria dos filósofos do Iluminismo, o século das Luzes apresenta um grande número de gabinetes de Historia Natural e Herbários que eram propriedade não só de reis e príncipes, mas de cidadãos abastados, cuja ambição maior – destes patronos da História Natural –, era a de publicar um catálogo das suas coleções (MAYR, 1998). Contudo, a grande divulgação e popularidade que os mais variados livros sobre a natureza alcançaram, no século XVIII, estes não são comparáveis à popularidade que a obra *Histoire Naturelle* do Conde Buffon obteve.

O naturalista Conde de Buffon e a Histoire Naturelle (1749)

Ao assumir a direção do *Jardin du Roy*, o Conde de Buffon se organiza, também, para escrever uma gigantesca obra a qual deu o título de *Histoire Naturelle, générale e particulière*. Tendo trabalhado exaustivamente nela, em 1749 consegue publicar os três primeiros volumes.

A obra, dedicada ao Rei, teve sucesso imediato, prova disso é que a primeira tiragem, em duas semanas, havia sido esgotada, o mesmo acontecendo com a segunda. A publicação de 1750 obteve um índice de vendas surpreendente e, rapidamente, foi traduzida para o inglês, holandês e alemão. Durante a carreira de Leclerc de Buffon, sua obra, *Histoire Naturelle*, manteria um alto índice de vendagem, superando obras como: *Spectacle de la Nature* do abade Pluche assim como a *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert (1717-1783) e até mesmo as obras mais conhecidas de Voltaire e de Rousseau. A obra de Leclerc de Buffon foi bem recebida, também pelos jesuítas, com publicações elogiosas e o *Journal des Savants*, em seu número de 1749, teceu elogios a análise do primeiro volume de sua *Histoire Naturelle*.

No *Primeiro Discurso* da obra, Buffon não poupou críticas aos naturalistas da época, particularmente direcionadas ao sistemata sueco Carl von Lineu (1707-1778). Buffon era um intelectual ambicioso e se propunha ser o Aristóteles da modernidade: “Parece-me que o **único** meio de fazer um método instrutivo e natural é colocar juntas as coisas que se parecem, e separar aquelas que diferem uma das outras” (BUFFON, 1749, p.21; grifo nosso).

A proposta do Conde de Buffon, em seu discurso inicial, era utilizar um método de classificação natural em defesa dos princípios de continuidade e de afinidade entre as espécies. Seu método estava em franca oposição ao método artificial proposto por Lineu, que

se caracterizava pela descontinuidade e era muito bem aceito, diga-se de passagem, pela sociedade composta pelos pesquisadores da nascente ciência iluminista. Leclerc de Buffon se opunha de forma clara à existência, na natureza, de classes descontínuas, que correspondiam à estrutura criada pelo homem.

Segundo Buffon, um organismo se distinguia de outro por gradações minúsculas e contínuas. Para fazer tal afirmação, estudou as afinidades dos animais comparando suas estruturas anatômicas. E, enquanto Lineu ocupava-se da diversidade da natureza, com tratados taxonômicos, Buffon estava fundamentalmente em oposição: identificar era a última coisa que o preocupava. Buscava, outrossim, a imagem viva dos diversos tipos de animais. Dentro de suas classificações levou em consideração a idéia de continuidade e de afinidade, com ênfase no histórico material das espécies, diferentemente de Lineu que tinha, dentro do seu método de classificação, a descontinuidade e a compreensão morfológica como aspecto principal para a taxonomia.

Lineu era partidário da filosofia de Platão e da lógica tomista². Buffon estava muito mais inclinado às idéias promovidas por Isaac Newton (1646-1727) e Leibniz, idéias estas que apostavam na continuidade e na plenitude e que estavam em acordo com o conceito aristotélico de escala de perfeição.

Segundo Buffon sua visão de natureza era muito superior “à insípida compartimentação dos *nomenclatores*”, termo com o qual definia, desdenhosamente, Lineu e discípulos (MAYR, 1998, p.210).

(...) Querer julgar a diferença das plantas, unicamente, pela diferença de suas folhas ou de suas flores, é como se quisesse conhecer a diferença dos animais pela diferença de suas peles ou pela diferença das partes da geração. E quem não vê que esse modo de conhecer não é uma ciência e que, no máximo, não é mais que uma convenção, uma língua arbitrária, um meio de entender, mas do qual não pode resultar em nenhum conhecimento real? (BUFFON, 1749, p.16).

Nas conclusões de Buffon, as diferentes espécies descendiam de um antepassado comum, entretanto, de maneira inversa ao compreendido pelas teorias evolucionistas de Alfred R. Wallace (1823-1913) e Darwin.

Buffon e Lineu nasceram ambos, em 1707, mas divergiam em muitos aspectos. Os lineanos enfatizavam os procedimentos da taxonomia como facilitador da identificação,

² O Tomismo é a doutrina ou filosofia escolástica de São Tomás de Aquino (1225-1274), adotada oficialmente pela Igreja Católica, e que se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procurando assim integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico, aos textos das Sagradas Escrituras, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica.

Buffon e a escola francesa enfatizavam o entendimento das diversidades naturais. Para o Conde Francês os seres vivos eram deformações de um arquétipo original criado por Deus e, que teve como um dos seus intuitos, a busca pelas espécies principais, ou seja, de onde todas as outras derivaram, dentro de um padrão onde a natureza intocada não seguia um sentido progressivo de aperfeiçoamento, mas sim caminhava para a degeneração da paisagem e das espécies.

Ao que se pode concluir que a Ciência Moderna, caracterizava-se pela pluralidade teórico-metodológica e os mesmos objetos de pesquisa poderiam ser interpretados de diversas maneiras. As divergências, no que se referia a imposição de métodos também eram resultado das implicações nas relações sócio/culturais entre as nações da Europa.

Veremos, entretanto, que as considerações e disputas teóricas de Buffon não se limitaram a natureza europeia. Em vários momentos, suas obras versam sobre a natureza dos domínios Coloniais situados no Novo Mundo. As teorias lançadas por ele originam-se, principalmente, de reflexões suscitadas à partir da descoberta de uma Geografia dos seres vivos (mais tarde chamada de Biogeografia) que reunia uma flora e uma fauna, nunca antes vista por olhos europeus. Sobre a existência deste novo ecossistema, ou seja, o do Novo Mundo, se lançaram as bases de uma moderna teoria que colocaria em cheque o primeiro tratado a discutir a origem e dispersão das espécies: o Livro Gênese.

A descoberta de novos continentes e a conseqüentemente singularidade que estes apresentavam, colocou fim a uma hegemonia de autoridade tradicional representada pela unicidade da visão de mundo cristão, visão esta que, durante muito tempo, constituiu-se em um caráter modelador. Contudo, a representatividade que a Ciência teve no mundo moderno nos é dada pela expressão *Revolução Científica*³. Nela se funda o mito de origem da modernidade.

O Conde De Buffon e a Teoria da Degeneração das Espécies Animais na América

³ Os historiadores da ciência tentam distinguir períodos bem definidos na sua área. As importantes obras de Copérnico (1473-1543) e do anatomista Versalius (1514-1564) publicadas em 1543 foram marcos relevantes, contudo mais importante, ainda, foram considerados os eventos do período de Galileu (1564-1642) a Newton (1642-1727), depois dos avanços ocorridos nas ciências físicas, no mesmo período, Descartes e Bacon da filosofia também contribuíram para a designação Revolução Científica (HALL, 1990). Contudo, segundo Ernst Mayr (1998), embora a história da sistemática, que se inicia com publicação do Sistema Naturae de Carl von Lineu (1735) não corresponda ao conceito do progresso da ciência, nem a própria revolução darwiniana, em 1859, produziu uma mudança tão decisiva quanto se poderia esperar.

Segundo Antonello Gerbi (1996) o Conde de Buffon orgulhava-se de suas descobertas e entre elas figurava a maior de todas elas: as espécies animais do Velho Mundo e a das Américas, ou Novo Mundo, são diferentes. Não só diferentes mas, em alguns aspectos, inferiores ou debilitadas. Conquanto as teorias do naturalista iluminista fossem ricas em motivos e sugestões ousadas, infelizmente foi justamente naquela em que ele mais se valeu de conotações moralistas e onde o seu juízo de valor foi o principal critério para se designar o que era melhor e pior que Buffon mais chamou a atenção do observador comum. Em outras palavras a teoria da degenerescência de Buffon, apesar de não ser uma de suas melhores idéias, foi justamente a que se tornou mais popular.

Em 1761, no volume IX de sua *Histoire Naturelle*, o Conde de Buffon estudou as espécies comuns ou semelhantes entre o Velho e o Novo Mundo. Chega, pois, a conclusão que os mamíferos originam-se de um único centro de dispersão situado no Velho Mundo, mais precisamente a Europa. Depois de detido exame das espécies conclui que, graças a um processo de degeneração, as espécies do Velho Mundo transformaram-se naquilo que é encontrado no Novo.

Referindo-se a inerente inferioridade das Américas desfila, comparativamente, todos os animais do Velho e Novo Mundo; compara-os e conclui, sempre, pela debilidade dos animais da América. Afirma que no continente americano não encontraremos o grande rinoceronte ou o elefante, entre os felinos nenhum ostenta a juba e a força de um leão. Os animais da América são até, dez vezes, menores que os animais do Velho Mundo.

O Conde de Buffon considera que, no Novo Mundo, existem alguns impedimentos ao crescimento da natureza viva. Qualquer animal que se transporte para a América irá, invariavelmente, se tornar menor e, aqueles que são comuns aos dois mundos, como os lobos, as raposas e os cervos, seguramente são muito menores que os pertencentes à Europa.

(...) há obstáculos ao desenvolvimento e talvez à formação dos grandes germes; aqueles mesmos que, pelas doces influências de um outro clima, receberam sua forma plena e toda sua extensão, se encapsulam, diminuem, sob o céu avaro dessa terra vazia, onde o homem, em pequeno número, é esparso e errante; onde, longe de usar, como mestre, este território que é seu domínio, não exerce império algum; onde, jamais tendo submetido nem os animais nem os elementos, não tendo domado os mares, nem retificados os rios, nem trabalhado a terra, não era ele mesmo senão um animal de primeiro escalão e não existia para a natureza senão como um ser sem consequência, espécie de autônomo impotente, incapaz de reformá-la ou de secundá-la: ela havia-o tratado menos como mãe que como madrastra, recusando-lhe o sentimento de amor e o desejo vivo de multiplicar (BUFFON, 1753. IN: PAPAVERO et.al., 1997, p.161).

O julgamento negativo que o naturalista aplica aos mamíferos quadrúpedes da América é repentinamente direcionado ao nativo americano. Acusados de selvagens débeis, pequenos nos órgãos de reprodução, sem ardor pela sua fêmea e de não domesticarem a natureza hostil em seu benefício, os nativos da América, no julgamento de Buffon, não diferiam das demais criaturas. Na construção da teoria, tão difundida, a comparação do Novo Mundo com o antigo, descortina uma imaturidade; um impedimento do desenvolvimento que fazia com que a vida animal sofresse um processo de degeneração.

Em 1766, no volume XIV da *Histoire Naturelle*, o Conde de Buffon publica o artigo *Dégénération des animaux*. Nele, ocupa-se da origem da fauna americana. Apresenta, talvez, pela primeira vez na História, a teoria de que o continente sul americano estivesse, no passado, unido ao continente africano, formando um único super-continente. Na reflexão sobre a degeneração dos animais encontra ensejo para falar da variação humana.

Desde que o homem começou a mudar de céus, e se espalhou de clima em clima, sua natureza sofreu alterações: são leves nas regiões temperadas, que supomos serem próximas de seu lugar de origem; mas aumentaram à medida que ele se afastou dela; e, após séculos decorridos, continentes cruzados, e gerações já degeneradas pela influencia de diferentes terras, e por ele querer se habituar aos climas extremos e povoar as areias do Meridiano e os gelos do Norte, as mudanças se tornaram tão grandes e tão sensíveis que se poderia crer que o Negro, o Lapão e o Branco formassem espécies diferentes se, de um lado, não estivéssemos seguros de que um único homem foi criado, e, de outro, que esse Branco, esse Lapão, e esse Negro, tão dessemelhante entre eles, podem, entretanto se unir e propagar em comum a grande e única família de nosso gênero humano (BUFFON, 1753. IN: PAPAVERO et.al., 1997, pp.164-65).

O Conde de Buffon menciona a possibilidade de se inverter o processo de modificação dos caracteres somáticos, chegando mesmo a propor a reversão experimentalmente, ou seja, “transportar alguns indivíduos dessa raça negra do Senegal para a Dinamarca (...)” (BUFFON. 1753. IN: PAPAVERO et.al., 1997, p.165). Entre os contemporâneos do naturalista francês, a teoria, não poderia ter encontrado campo mais fértil para se disseminar, pois os filósofos logo divulgaram essa teoria que se mostrava um campo fértil para polemicas por conta, em grande parte, dos recursos pouco ortodoxos e chocantes de que se valia (GERBI, 1996, p.44).

A contínua adjetivação depreciativa sobre o Novo Mundo⁴, sempre presente e usual nas crônicas de religiosos, descrições de viajantes e naturalistas eurocentristas esteve

⁴ Jean de Léry (1534-1611). Em 1556 acompanhou uma viagem Financiada por Nicolas Durand de Willegagnon e Gaspard de Coligny à França Antártica ou colônia francesa estabelecida na baía de Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro. Ao retornar a Europa publicou seu diário de viagem com o título *Histoire d'un Voyage d'un faict en la terre du Brésil*. Jean de Léry ao referir-se ao clima

presente desde as primeiras notícias sobre o Novo Mundo. Sendo crença largamente difundida desde a Idade Média e Renascimento, esta calcava-se no princípio de que a degeneração de um constituía-se na geração do outro. Obviamente que o Conde de Buffon não foi um mero continuador desta tradição teórica, suas conjecturas, acerca da degenerescência, eram sofisticadas o suficiente para alcançar o patamar de novo paradigma no que se referia a origem e dispersão das espécies do Novo Mundo. Neste sentido, Buffon não fez economia ao descrever a terra americana *sobrecarregada de vapores úmidos e nocivos* (GERBI, 1996, p.22). Os referidos vapores úmidos davam origem aos parasitos, tão abundantes nas Américas: microorganismos que se originavam sem qualquer ascendência ou descendência. Este princípio, aliás, será de consideravelmente oportuno para explicar a abundância de insetos e serpentes encontrados no *ambiente malsão* do Novo Mundo.

Reiteradas vezes o naturalista Conde Buffon afirmaria de forma triunfal, que não é senão quando comparamos que podemos julgar, buscando, justamente as relações das coisas que se assemelham ou que se diferenciam. Nasce do método calcado neste empirismo observador, uma das teorias mais contundentes da história do encontro do viajante do Velho Mundo com a natureza tropical. Trata-se da tese de que o continente americano é de alguma forma inferior à Europa. Os filósofos do século das luzes reacenderiam velhas discussões. Entre elas, sobre o princípio das causas, a qual apareceria sob a roupagem da etnopsicologia, uma milenar tradição de justificativa causal que intentava sair da descrição simplista de tipificação dos caracteres dos diferentes povos para uma definição de cunho naturalista. As discussões se emparelharão com os mais pretensiosos clássicos conhecidos da Ciência Moderna.

Para Antonello Gerbi, da tese em questão, a primeira formulação *semi-científica* devemos à Buffon, muito embora, o naturalista francês jamais tenha visitado a América. As observações que se baseavam neste critério de superior e inferior e que, permaneceram, por algum tempo, episódicas, ao se somarem às informações, relatos e descrições do Novo Mundo que chegavam à Europa, estenderam-se sobre o novo continente como uma maldição (GERBI, 1992, p.15). O que contribuiu, consideravelmente, para a fundamentação e disseminação da teoria da degenerescência como modelo explicativo para a diversidade da natureza do Novo Mundo, foi, em grande parte, a ausência do conceito daquele conceito de evolução que iremos assistir somente no século XIX.

Equatorial cita-o como doentio, assegurando que as chuvas das vizinhanças do Equador não só são fétidas como molestas; caindo nas carnes de alguém provocam pústulas e grossas empôlas, chegando mesmo a manchar e estragar as roupa (LÉRY, 1961, p.67).

Não resta dúvida de que a história da fundamentação deste que, hoje julgamos, um equívoco, apresenta pontos interessantes como, por exemplo, o fato de que alguns elementos utilizados para sustentar a teoria sobre a inferioridade do Novo Mundo eram, em certo sentido, reais. Na geologia se comprovaria que as cadeias de montanhas da América são relativamente recentes. Também não é menos real que algumas regiões da América apresentam uma umidade em alguma medida insalubre. Da mesma forma, não se pode negar as infundáveis descrições de viajantes acerca da grande proliferação de insetos nocivos, animais peçonhentos e uma ausência de animais de grande porte, como os mamíferos e/ou carnívoros. Quanto aos nativos da América muitos realmente apresentariam a condição imberbe e distanciados do progresso civil à moda européia; muitos habitantes da América, estavam ainda no período neolítico. Entretanto, tratavam-se de informações que seguramente, em muitos aspectos, foram interpretadas de maneiras equivocadas. Contudo, sabemos que os novos paradigmas nas ciências se dão, justamente, no estudo desta natureza que já teve tantos olhares diferentes buscando interpretá-la. Assim, vemos o aperfeiçoar dos métodos e o emergir de uma ciência enriquecida em seu teor, arrancada dos próprios equívocos.

Considerações Finais

Antonello Gerbi (1996), ao refletir as idéias do Conde de Buffon, considera que nossa repulsa à tese da inferioridade das Américas se deve a três razões, por ele dita, formais.

A primeira delas, esta mais óbvia, é a de que os elementos propostos pelos naturalistas do século XVIII, no caso, a teoria da degeneração das espécies na América (de Buffon), quando empregada como sustentáculos de uma tese perdem sua validade, diante da Ciência da atualidade.

Como segunda razão, podemos observar que, em diversos momentos, o exemplo solitário deste ou daquele animal, foi aplicado de forma generalizada, tornado regra universal. Neste caso, observa-se que a ausência de pêlos em um indígena, algumas regiões pantanosas e/ou uma formação montanhosa *desordenada* constituíram realidades que se estenderam às Américas tornando-se uma regra.

E, finalmente, às observações e aos elementos apresentados para a teoria da degenerescência do Novo Mundo acrescentou-se um sentido pejorativo, desqualificando a natureza e o homem do Novo mundo. Implicitamente, a este discurso, acrescentou-se um juízo de valor que definia a ausência de barba no nativo americano como condição de inferioridade, haja vista que um homem respeitável, na maioria das sociedades européias do século XVIII, possuía pêlos no rosto; somado a isso ainda teremos o conceito de que o

pântano, mangue e brejo, bem como a ausência de animais de grande porte, associados às formações geológicas recentes traduziam-se em um sinônimo de inaptidão (MORAN, 1994).

A teoria da degenerescência acabou se revelando um julgamento, cuja característica de polaridade, utilizou dados das mais diferentes áreas da ciência moderna, como as nascentes geografia, biologia, geologia, zoologia e botânica. Na própria condição de nomear-se “Velho” e “Novo Mundo”, a dualidade iluminista se apresentou classificadora, taxonômica, mas apaixonada. Sem dúvida, a ciência não defende mais a tese da degenerescência dos homens e dos animais que foram encontrados nas Américas a partir de fins do século XV, mas, em um exame mais detido, na teoria de Buffon distingui-se uma proposta duvidosa ainda não resolvida.

Do que nos leva a refletir que, desde o século XVI, famosos artistas europeus ao compor quadros, tapeçarias e decorar os ambientes religiosos ou não, foram motivados por uma inspiração buscada na biota americana, como sejam os papagaios, macacos, preguiças, araras, tucanos. Bem como, as espécies vegetais como o cajueiro, quase sempre presentes, através de uma profusão de cores, nas obras de arte quinhentistas que se propunham a oferecer um espetáculo exótico. Contudo, inaugurando a Idade Moderna, o eurocentrismo explicita-se na representação pagã do *gentio* antropófago, com sua nudez sugerida pelas poucas vestes, de cocar, arco e flecha coloridos acompanhados do papagaio, representando a América. Quanto a África, esta era figurada em uma espécie de Vênus negra, desnuda, sob um sol causticante. Já a Ásia era representada por homens com chapéus coloridos, trajando indumentárias pesadas. E finalmente, ao centro de todos os continentes, teremos a representação da Europa, numa imagem gloriosa daquela que impera absoluta de cetro e orbe nas mãos. Tais circunstâncias, de imediato, nos possibilitam a leitura da imposição hierárquica etnocêntrica do europeu não somente pelas artes, mas, principalmente por aquelas ciências que revelavam verdades convenientes.

Referências

BACON, Francis. The making of gold. IN: **Sylva Sylvarum**: or a Natural History in the ten centuries (1627). Withfish, Montana: Kessinger Publishing, 1996.

BUFFON (George-Luis Leclerc). **Histoire Naturelle**, Générale et Particuliere, avec la Description du Cabinet du Roy. Paris: Imprimerie Royale, 1749.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**, as quatro viagens e o testamento. Tradução: Milton Tersson. São Paulo: Coleção L&PM, 1979.

GERBI, A. **La Naturaleza de las Indias Nuevas, de Cristóbal Colón a Gonzalo Fernández de Oviedo**. México: Fondo De Cultura Económica, 1992.

GERBI, A. **O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)**. Tradução: Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HALL, A. R. **A Revolução na Ciência (1500-1750)**. Portugal - Lisboa: Edições 70, 1990.

LÉRY, J. **Viagem à Terra do Brasil**. Tradução: Sergio Milliet. Brasília: Biblioteca do Exército, 1961.

MAYR, E. **O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança**. Tradução: Ivo Martinazzo. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1998.

MORAN, E. F. **Adaptabilidade Humana: Uma introdução à Antropologia Ecológica**. Tradução: Carlos E. A. Coimbra Jr. e Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Edusp, 1994.

PAPAVERO, N.; PUJOL-LUZ, J. R. **Introdução Histórica à Biologia Comparada, com Especial Referência à Biogeografia**. Rio de Janeiro: EDUR, 2000.

PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.; LLORENTE-BOUSQUETS, J. **História da biogeografia no período pré-evolutivo**. São Paulo: FAPESP, 1997.

SANTOS, E. M. A M. **A Viagem Philosophica: O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e a paisagem brasileira do século XVIII**. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2001. 359 páginas.

SANTOS, Eulália Moraes de A M. **Dos Cometas do Nordeste aos Tesouros da Amazônia: Os Jesuítas João Daniel e José Monteiro da Rocha no contexto das Ciências Naturais do século XVIII**. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, UEM. Maringá, 2006. 333 páginas.

TODOROV, T. **A Conquista da América: a questão do outro**. Tradução. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fonte, 1993.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo, cartas de viagens e descoberta**. Tradução e introdução: Luiz Renato Martins. São Paulo: Coleção L&PM, 1979.